Homenagem ao Soldado Brasileiro

Eduardo Campos

1. O Soldado: Seu Perfil e sua Dimensão

O cavalo promove o guerreiro e propicia a diferença em tudo, a começar das regras de vassalagem, como acontecia na Idade Média.

Quem tinha um animal de cavalgar, e não queria servir ao exército, obrigava-se a pagar o que chamavam *seutagium*, que quer dizer taxa de escudagem, ou em outras palavras, nada mais nada menos que o "resgate do *servitium militare*".

É como narra Ganshof nas sua apreciadas lições de como funcionava o feudalismo.(1)

Por isso na "xácara do Cego Andante", de ancianidade medievalesca, como ainda se pode ouvir pelo Maranhão, corre, interpolado, na poesia, um verso do romance "D. Boso":

"De espora no pé e espada na mão." (2)

E no primeiro romance peninsular – D. Barão – também em versão brasileira recenseada por Antônio Lopes em 1948, nas terras timbiras, o cavaleiro que se propõe ir à guerra, que estrondeia nos Campos de Aragão, canta:

"Dai-me armas e cavalo, serei seu filho varão."

O cavaleiro é *ela*, a filha do Conde (3), um nobre que, no romance, já passara da idade de batalha. E ainda por cima não tinha um filho para mandar "pelejar em seu lugar".

Por isso a filha donzela pedia:

"Me dê armas e um cavalo, serei seu filho varão."

Mocetona, desinibida e corajosa, qual Jovita Feitosa, que sob o sol nordestino, transmudava-se em homem; e de cabelos cortados rente, queria ser soldado e lutar pela Pátria.

Descoberta a sua identidade, essa valente e decidida rapariguinha de "dezessete anos de idade, de tipo índio, natural dos Inhamuns", de tanto insistir acaba incorporada na tropa, ao 2º Batalhão de Voluntários do Piauí.

Por onde passa, de viagem no "Tocantins", a nossa guerreira recebe homenagens, assim em Pernambuco onde um poeta do povo louva:

"O que me espanta é a força
De um feminil coração
É ver um peito de corsa
Brio, valor de leão!
E sob a forma delgada
De uma mulher delicada
Ver uma alma alimentada
No fogo de uma explosão!" (4)

"Me dê armas e um cavalo, serei seu filho varão", parece também pedir Maria Quitéria de Jesus, que se transforma em soldado-homem para ir à luta pelo seu chão, pelo seu reino, por tudo que já quer dizer Pátria. Tal qual a Maria Francisca da Conceição que, na batalha de 3 de novembro de 1867, em Tuiuti, narra o Gen. Azevedo Pimentel, "arrebata os homens, aos quais não cessa de dizer, com o sorriso das heroínas nos lábios:

– *Aqui está Maria Curupaiti! Avante!"*

Quando partiam os guerreiros, em companhia de el-Rei, na Idade Média, as mulheres saudosas (e apaixonadas), a gosto de recordar o amigo, – a frase é um verso antigo, – cantavam cantigas trovaderescas qual a de João Zorro:

"Os meus olhos e o meu coraçon
E o meu lume foi-se com el-Rei." (6)

A partida do cavaleiro-soldado tem um quer que seja de romântico. É aclamado vivamente, do alto dos castelos, em seu desfile para a luta, imagem que se perpetua até perto dos nossos dias, como se vai ver ao poema *"Relato da Batalha de Concord e Lexington e da Cavalgada do Revere há vinte anos atrás"*, recitado na América do Norte, para celebrar a figura de "*mensageiro revolucionário*" em sua árdega alimária:

"Não poupava o cavalo nem o chicote nem as esporas,
Quando galopava através da lama e do lodo,
Em nada pensava senão na "liberdade". (7)

O cavalo ajuda a fazer também a trajetória do guerreiro brasileiro.

Pelo século XVIII, no interior do País (de São Paulo, mais precisamente) "havia dragões a pé e a cavalo, bem como cavalaria auxiliar". Desse modo informa Gustavo Barroso na sua "História Militar do Brasil", aduzindo:

"Os dragões, creados pelo rei Gustavo Adolfo e pelo marechal de Brissac, adotando uma designação que vinha dos dragonários romanos, sempre foram infantaria-montada." (8)

Não se tinha, entre nós, a figura do soldado treinado e, por extensão, disciplinado. As Ordenanças, que completavam os regimentos e os terços da época, acabavam formando "uma como terceira linha, nelas se acoitando os que fugiam ao recrutamento dos terços – torna a escrever Gustavo Barroso, a exarar este fulminante julgamento:

"Essas tropas possuíam mais oficiais vistosos e inúteis do que soldados disciplinados e capazes." (9)

Não existe um bom soldado sem o sentimento de defesa da Pátria. Esse sentimento, conquanto ainda de modo embrionário, tem curso de 1831 a 1840 no Brasil, quando eclodem "nada menos de quinze revoltas políticas regionais fora da capital federal." (10)

Sem o princípio da legalidade, da união e da paz entre irmãos, não pode prosperar o bom soldado.

Acudia bastante razão ao Gen. Castello Branco, quando, na oportunidade em que, em discurso alusivo ao soldado, definia-o ligado à sua gente e a sua terra, acentuando:

"O homem que serve nas fileiras e se transforma em combatente não é um desgarrado da sua gente e de sua terra. Depende do espiríto nacional e do lugar de onde veio." (11)

Na Balaiada, por exemplo, que durou no Maranhão de 1939 a 1941 – na qual teve papel decisivo o então Cel. Luís Alves de Lima e Silva – esplende este julgamento dos pósteros:

"Pela primeira vez na história do Brasil independente uma figura militar assumia um papel político principal ainda que temporário – e ainda com o beneplácicto do regente (então Diogo Antônio Feijó), que regia em nome do Imperador." (11)

Para Henry Hunt Keith, de quem tomamos essas plavras, tem-se por então, na pessoa de Lima e Silva, o advento da vigência da

figura, como propõe, do "fiel soldado-salvador", a se desdobrar "ad posteriori", na consolidação do Regime Imperial, dando-se por diante, em desdobramentos e em aperfeiçoamento, a "metamorfose do leal soldado-salvador" que, por certo, em dado momento, passa a ser o soldado-salvador-presidente, ou soldador-purificador, da ação política (o que acabará ocorrendo de 1910-1914), até o surgimento, afinal, do "novo soldado-salvador" dos dias que preludiam a Revolução Nacional.

Nesse exato contexto histórico impõe-se o soldado-comandante, o grande condutor de homens que, animado de excelças virtudes cívicas, tem sob seu bastão a figura expressiva do soldado corajoso e probo que, ao longo do tempo, em qualquer exército que se preze, insere-se também, pelo seu heroísmo, no reconhecimento de seus concidadãos.

Soldado, sem dúvida alguma, o que comanda, o que ergue resolutamente o braço empunhando a espada em direção ao inimigo. E também soldado, e bom soldado, o sempre anônimo e corajoso lutador que forma a tropa.

Quase ao final da batalha de Borodinho, na Rússia tzarista, estando em Kniazkovo o conde Pedro, que havia experimentado o seu batismo de fogo para conhecer mais de perto de que espécie eram feitos os homens que porfiavam, se dizia a si mesmo:

"Oh! como o medo é uma coisa horrível! Entreguei-me a ele, que vergonha! E eles... *eles* permaneceram irredutíveis tranqüilos até o fim."

Eles, ao rememorar do conde – a narração é de Leon Tolstoi em "Guerra e Paz" – eram os soldados, os mesmos que haviam participado do grande combate, criaturas "como os que lhe haviam dado de comer e os que rezavam diante do ícone. *Eles*, esses seres estranhos, que até aquele momento não conhecera, no seu pensamento se destacavam nitida e distintamente de todas as outras pessoas." (13)

Vê-se em "Guerra e Paz" possivelmente o mais veraz retrato do desenrolar de uma grande batalha, a começar de seus preparativos; da presença brejeira dos soldados, e até do desleixo desses como aquele que se apresenta sem botas enquanto o seu capitão – no caso o capitão Tuchine desculpa-o, afirmando: "Os soldados costumam dizer que correm melhor descalços".

Assim quase todos muito à vontade em seus indumentos incompletos, alguns ao redor de fogueiras – e até despidos – pondo a

secar os seus capotes, enquanto uns mais iam improvisando abrigos ao meio do tempo, sob a intenção de se abrigarem. E não raros os que se divertiam como se não estivessem à véspera da desgraça.

E quando o "barulho ensudercedor das peças que disparavam por todos os lados" senhoreava-se da paisagem com o silvar e rebentar de projéteis inimigos", subia a fumarada provocada pelos canhões disparando, o que na idéia daquele capitão Tuchine, contemplados ao longe, não passavam de cachimbos em "raras fumaçadas de invisíveis fumadores".

Mas a metralha varre e mata.

E se apartam corpos, gemem soldados dilacerados. E nisso outros gritam e amaldiçoam. E algo fica ali, depois de um certo tempo de dor e agonia, como refere um velho soldado de voz rouca: "Ah, a gente que hoje ficou aí em pedaços! Foi horrível!"

Um bom soldado brasileiro, soldado e escritor, o Gen. Dionísio Cerqueira, traceja com precisão irrepreensível momentos de também intensa dramaticidade, dor e angústia, a batalha de Tuiuti.

"Os batalhões avançavam, a artilharia rugia rápida, infatigável, a revolver; era um contínuo trovejar. Parecia uma tempestade. Cornetas soavam a carga; lanças se enristavam, cruzavam-se as baionetas, espadas brandidas a duas mãos, como os montantes dos pares de Carlos Magno, abriam crânios, cortavam braços, decepavam cabeças. Quadrados formavam-se aqui; além ouvia-se o toque de *assembléias* e as linhas de atiradores se reuniam, ora em círculo, ora formando os quatro camaradas de combate, de baioneta cruzada contra a cavalaria que vinha a galope; era uma contusão imensa e cheia de fortes impressões. A batalha atingia o momento decisivo." (15)

E aí estava o soldado, aquele mesmo ao qual podia ajustar-se, qual uma luva, a análise de Dionísio Cerqueira:

"O soldado sente emoções indescritíveis. Despertam-lhe os instintos beluinos, e aplaude arrebatado de entusiasmo os golpes e os feitos gloriosos, sem se lembrar das lágrimas e do luto. O brilho da glória esconde o crepe da desgraça." (16)

Toda alma do guerreiro parece agitar-se ao rutar dos tambores.

É como sugere, por exemplo, o juiz americano Francis Miles Finch, que, em momento de inspiração, dedicou estes versos à vida de um herói:

"À batida dos tambores e do coração
Marcha o soldado,
Vivas tem as faces,
Há coragem em seu olhar,
Embora, à batida dos tambores e do coração,
Deve morrer dentro em breve..." (17)

Porém o soldado, o dente do humano aço da engrenagem da guerra, está sujeito a todas as vicissitudes. Ora, a arrostar o tempo imprevisível – qual o da batalha do Avaí, quando dos céus toldados desaba "violento temporal com chuva e vento. A água – conta o Gen. Paulo de Queiroz – "desperta em pesadas bátegas, copiosas e persistentes, logo ensopa o terreno e enfureceu o pequeno arroio, que logo cresceu de volume", sério obstáculo à sua passagem.

Quando não é a meteorologia instável e pérfida, como nessa batalha em que foi ferido o bravo Caxias, surgem inimigos inesperados como o cólera-morbus, a deixar escarmentado o acampamento de Curuzu. A Ordem do Dia de 17 de abril de 1867, reconhece:

"Em conjuntura tão triste, a resignação do soldado brasileiro foi igual ao seu valor diante do inimigo. Os que não foram tocados pelo mal, cuidavam dos enfermos com caridade evangélia."

Mas o que é o soldado?

O Gen. George S. Paton o definiu em suas memórias:

"O soldado é o exército. Nenhum exército é melhor do que os seus soldados. O soldado também é um cidadão. Na realidade, o maior deles e o mais alto privilégio da cidadania é empunhar armas pelo país." (20)

E noutra passagem de seu testemunho guerreiro, escreveu:

"Fala-se muito da lealdade do subordinado para com o superior. A lealdade do superior é muito mais necessária, porém muito menos usual." (idem, p. 330).

Mas ao redor do soldado, quantas ciladas da vida, quantas dificuldades! A sua caminhada é agreste e sujeita a permanentes confrontos.

Um dia, como na noite que sucedeu ao combate de Ponteferreira, em Portugal, em julho de 1832, o soldado é o guerreiro que dorme em pleno campo de luta, aquele do entrechoque fratricida em

que se envolveu. E essa sua trégua, num entrevero que não pediu, vai inspirar a Alexandre Herculano escrever uma de suas mais pungentes crônicas:

Os soldados "Vivos dormiam tranquilamente do lado dos mortos no campo de batalha; – estes tinham adormecido mais cedo – o seu dormir era mais profundo e longo – longo como a eternidade! Nenhuma outra diferença entre aqueles e estes, salvo em brilharem caídas por terra as armas dos últimos, a esperarem as do primeiros, enfileiradas nos sarilhos, pelo alvor do dia, para voltarem ao combate com seus donos, enquanto as que jaziam no chão porventura ficariam aí esquecidas para as desfazer o tempo ao lado dos que a tinham maneado – ao lado dos mortos da pior das guerras – a guerra entre homens que muitas vezes oravam no mesmo templo, na mesma língua e ao mesmo Deus – e que muitas vezes talvez disseram salve! uns aos outros depois da oração da tarde." (21)

E por diante, terrivelmente dramático:

"Nesta hora em que os extintos, semelhantes às folhas secas das árvores, jaziam desprendidos do tronco ao qual até aí aderiram, reconquistavam a sua individualidade, e não curavam mais do rufar dos tambores, do clangor das trombetas –, nesta hora foi que eu vi o soldado na sua existência própria e íntima, material e escura, consumida pelo padecer e sofrer, pelo obedecer e calar, pelo recordar-se do passado, pelo cismar sobre o futuro, pelas saudades domésticas, pela soledade da sua vida pálida e sem esperança – e os meus pensamentos se derramaram dolorosamente por cima de tanta miséria, que o mundo crê consolidada e recompensada com um bocado de pão negro e com o brilho falso do ouropel chamado glória. Glória! O que é a glória para um pobre soldado?" (22)

Mas glória há, dizemos nós, em ser soldado, quando se sabe sê-lo.

Assim fizeram-se muitos qual Tibúrcio, que ao ouvir de colega, no pátio da Escola Militar, que acabava de ser declarada a guerra no Prata, já se erguia de um pulo, para proclamar:

"Bravo! ou morro, ou volto coronel!" (23)

Ser soldado é se compreender valoroso e combatente. Essa a imagem que inspira (ou inspirava, que infelizmente os tempos mudam!) as crianças, tornando realidade a lúcida dos verdes anos, nas cavalgadas de cavalo-de-pau, ao soprar da corneta, ao bater de tambores, entoando:

"Marcha, soldado,
Cabeça da papel!
Marcha, soldado,
Direto pro quartel!"

Serge Tchakhotine, o mais discutido dos ideólogos dos movimentos políticos de massa, considerou a criança, que brinca de soldadinho de chumbo, submetida a "uma tradição que lhe vem dos adultos", dando-a como recalque dos instintos bélicos.

Mas aproveitável o seu segundo raciocínio, de que ao se organizarem em batalhão as crianças, no "marche, soldado, cabeça de papel", descobrem a vantagem de não se lançarem aos seus problemas sozinhas. (24)

Perde a criança então um certo sentido de individualismo em troca dos movimentos, da ação em grupo.

Mas na verdade ninguém brinca de marechal ou de general. Brinca-se de soldado. E se o soldado vai a general, nunca deixará de ser nomeado pelas suas atitudes de bravura como legítimo soldado.

De Tibúrcio, o bravo filho de Viçosa, diz-se sempre ter sido "o tipo perfeito e completo do soldado, tal como se deve compreendê-lo e mantê-lo, na plenitude das modernas exigências sociais, conforme o espírito democrático do século." (25)

Desse modo é soldado o Brigadeiro Antônio de Sampaio, enaltecido por todos os cidadãos, qual na poesia de Juvenal Galeno, por ocasião da chegada à Fortaleza de seus restos mortais, em novembro de 1871:

"Que vale a vida quando a pátria,
Honra ao soldado que lutando expira...
Vai entre louros reviver na História." (26)

As palavras do eminente Rui Barbosa sobre a identidade do militar brasileiro no tempo, são de expressivo elogio: está no nosso soldado "o cidadão cuja farda cívica o confunde com o povo, de onde surge e se constela de glórias, amando bastante o dever para sujeitar o orgulho da soberania pela força ao serviço da Justiça." (23)

Soldado, símbolo da resistência patriótica de um povo, está sempre lembrado até mesmo quando seu nome não é convenientemente identificado pela História.

Ainda que inonimado, será reverenciado como o soldado desconhecido, a permanecer no coração e no respeito de seus concidadãos.

Desse soldado sem nome, mas tão soldado quais os outros que mais bravos foram, o rei George V, da Inglaterra, escreveu de próprio punho no cartão que acompanhou a coroa de rosas vermelhas depositadas no primeiro jazigo de soldado desconhecido:

"Desconhecido e, não obstante, muito conhecido,
Morto e, ao contemplá-lo, nós vivemos."

Foi o deão de Westminster quem sugeriu, em julho de 1920, "a idéia de que um soldado desconhecido, caído nos campos de batalha, fosse sepultado" na abadia famosa. (28)

Daí por diante robusteceram-se as homenagens ao guerreiro desconhecido.

Assim, sucederia na Grã-Bretanha, na França, na Itália, em Portugal, na Argentina, no Brasil... e pele mundo inteiro. (idem, ibidem)

A cerimônia na Abadia de Westminster, naquele recuado 1920, vale a pena, para os propósitos destas páginas, ser trazida à nossa lembrança, tais os tons de emoção que a cercaram, fazendo vibrar os corações mais impedernidos:

Na solenidade pela primeira vez não houve "qualquer ordem de precedência social. As primeiras cadeiras de honra foram daquelas mulheres que haviam perdido seus maridos e todos os filhos na guerra; em seguida, vinham aquelas que haviam perdido todos os seus filhos ou o filho único; e depois aquelas que perderam os maridos. Os nobres estavam sentados ao lado de mulheres assalariadas, conforme notaram os jornais. Observou-se também que o Guerreiro Desconhecido fora sepultado dentro da parte oeste da abadia, de forma que a partir de então todo rei da Inglaterra, encaminhando-se para a coroação, deverá passar sobre a lápide funerária deste homem que morreu para salvar seu reino." (idem, p. 534)

Vale, portanto, repetir mais uma vez as palavras de George V:

"Desconhecido e, não obstante, muito conhecido,
Morto e, ao contemplá-lo, nós vivemos."

Sim, não só vivos, dizemos à nossa vez, estamos todos eternamente gratos ao soldado quer conhecido, quer inonimado, e nem por

isso menos soldado do que os demais, corajoso e patriota, de baioneta calada ou de espada em punho, de lâmina a rebrilhar cortando o ar, como o fez Osório, a concitar os patriotas, os seus comandados, à sua eletrizante palavra de ordem:

"Quem for brasileiro, me siga!"

Soldado – acrescente-se – que permanece mesmo nas telas, na pintura dos grandes artistas qual Pedro Américo, expressando, a exemplo, o clima da grande Batalha do Avaí, muito bem interpretada nas palavras de Orris Soares Faria:

"Cessam as bocas de fogo de jorrar metralhas, a cavalaria investe, tudo é ação. O indomável inimigo se rende – luta. Brutalidade ou heroísmo, pouco importa, o espetáculo assombra. (...) O céu ecuro, a terra lodosa, a água turva, a ira seguindo rugindo como temporal pelos cedros, desproporciona a aflição já enorme na própria agonia da paisagem, que se distende por além, lugubremente..." (29)

Cada soldado parece repetir as palavras do divino Odisseu no canto V da "Odisséia":

"Já suportei muitas dores, passei numerosos trabalhos
Tanto no mar que na guerra,
Que venham, por isso, mais esses..."

Tudo isso parece pouco e realmente é muito, porque na ação resplandece o verdadeiro patriotismo, aquele sentimento do qual, com palavras firmes e julgamento ético, disse Olavo Bilac:

"O verdadeiro patriotismo não é o amor dos negócios rendosos que no seio da Pátria pode dar a riqueza e a independência; não é a interessada gratidão pelas honrarias que dentro dela se podem grangear; não é também o embevecido êxtase, ingênuo e fútil, diante da beleza das suas paisagens, do esplendor do seu céu, da uberdade do seu solo. É sim, um amor elevado e austero, que reconhece os defeitos da Pátria, – não para amaldiçoá-los ou para rir deles, mas para perdoá-los, estudá-los e corrigí-los; é um amor que se enraiza mais no meio moral do que no meio físico, e vai procurar a sua seiva nutritiva no âmago longínquo do passado, no sacrossanto húmus das origens da raça, da língua, da história, e no padecimento obscuro, apagado, anônimo das gerações que antes da nossa viveram, suaram e penaram na terra que servimos e adoramos." (30)

Este o sentimento que faz de qualquer um de nós um grande soldado, confiado, otimista e disposto a lutar pela Pátria.

Sentimento que nos gratifica, por exemplo, nesta significativa solenidade em reverência ao soldado, ao passado , ao futuro da nossa brava gente.

Para terminar, creio ajustar-se à figura de todo bom soldado o pensamento de Eurípedes:

"Tentarei com palavras, e não podendo, com a mão".

Bibliografia Consultada

1. F. L. Ganshof, "Que é Feudalismo?", Publicações Europa-América, 4ª edição, Lisboa, 1976, p. 123.
2. Antônio Lopes, "Presença do Romanceiro", Civilização Brasileira, 1967, Rio, 1967, p. 207.
3. O. c., p. 34.
4. Eusébio de Sousa, "História Militar do Ceará", Editora Instituto do Ceará, Fortaleza, 1950, pp. 343-346.
5. Gen. J. S. de Azevedo Pimentel, "Episódios Militares", Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1976, p. 150.
6. Narciso de Azevedo, "A Arte Literária na Idade Media", Porto, 1947, p. 131.
7. Dixon Wecter, "Os Heróis, sua Influência na Formação de um Povo", Editora Lidador Ltda., Rio, 1965, p. 120.
8. Gustavo Barroso, "História Militar do Brasil", 2ª edição, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1932, p. 17.
9. O. c., p. 22.
10. Henry Hunt Keith, "Soldados Salvadores: as Revoltas Militares Brasileiras de 1922 e 1924 em Perspectiva Histórica", Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1989, p. 17.
11. Gen. Meira Matos, "Castello Branco e a Revolução", Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1954, p. 1650.
12. Henry Hunt Keith, o. c., ibidem.

13. Leon Tólstoi, "Guerra e Paz", 4ª edição, Editora Globo, Porto Alegre, segundo vol., 1944, p. 250.

14. O. c., p. 110.

15. Gen. Dionísio Cerqueira, "Reminiscências da Campanha do Paraguai", Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1980, p. 161.

16. O. c., p. 276.

17. Dixon Wecter, o. c., p. 123.

18. Gen.Paulo de Queiroz Duarte, "Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai", Biblioteca do Exército Editora. Vol. 3. T. III. Rio, 1988, p. 187.

19. O. c., p. 110.

20. George S. Paton, "A Guerra que eu vi", Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1979, p. 303.

21. Alexandre Herculano, "Scenas do um Ano da Minha Vida e Apontamentos de Viagem", Livraria Bertrand, Lisboa, 1934, p. 112.

22. O. c., pp. 114-115.

23. Eusébio de Sousa, "Tibúrcio, o Grande Soldado e Pensador", Coleção Alagadiço Novo, UFC, Fortaleza, 1985, p. 22.

24. Serge Tchakhotine, "A Mistificação das Massas pela Propaganda Política", Civilização Brasileira, Rio, 1967, pp. 198-199-210.

25. Eusébio de Sousa, o. c., p. 11.

26. Gen. Paulo de Queiroz Duarte, "Sampaio", Biblioteca do Exército Editora, Rio, 1988, p. 294.

27. Fernando Luís Osório Filho, "O Espírito das Armas Brasileiras", Pelotas, 1918, p. 191.

28. Dixon Wecter, o. c., pp. 533-534-535.

29. Lincoln Martins, "Pedro Américo", Fundação Banco do Brasil, Cia. Brasileira de Artes Gráficas, Rio, 1994, p. 64.

30. Olavo Bilac, "Conferências Literárias", Rio, s. d., p. 308.

2. Agradecimento

Gen. Div. Frederico Faria Sodré de Castro, Comde. 10ª R.M.

Aqui estamos, envolvidos em fraterna convivência, sensibilizados pela fidalga acolhida em comunhão de sentimentos, com os ilus-

tres integrantes do Instituto Histórico do Ceará e seus convidados, onde testemunhamos a homenagem prestada ao exército brasileiro, na semana que evocamos o nosso patrono.

Cabe-me a honra de expressar-lhe os nossos agradecimentos ao presidente do "*Instituto Histórico do Ceará*", Gen. Ex. Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, escritor Eduardo Campos que nos saudou e demais membros desse destacado instituto.

Possa eu, apoiado na benevolência dos presentes, obrigados a ouvir palavras simples de um soldado, realçar a importância e o significado de reuniões como esta, em que civis e militares se irmanam, em torno de vulto nacional da grandeza do marechal Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias – soldado símbolo, cidadão ímpar, estadista insígne.

Motivo de incontido júbilo para o Exército, a semana do soldado deixa engalanadas todas as nossas organizações militares por rememorar os feitos épicos do Duque de Caxias e por exaltar o homem que labuta, diuturnamente, na caserna.

Nesta oportunidade, a instituição presta expressiva homenagem ao seu soldado, do passado e do presente. Àquele, pelas páginas de glória que imprimiu com gestos de abnegação e de bravura, legando-os uma pátria livre, soberana e exuberante; a este, por saber honrar essas tradições e por arcar, galhardamente, com o peso inerente à árdua e nobre missão de defender esse legado.

É, pois, oportuno enaltecer o valor do soldado à luz da essência de sua missão, às vezes tão mal compreendida. Missão que não se mede pela reduzida dimensão do vocábulo que a expressa, ao contrário, ela se amplia em imenso rol de responsabilidades, cristalizadas na preservação da soberania nacional e da integridade de tão vasto território. Missão que sintetiza a guarda dos valores e das tradições da pátria, o culto à sua história, a veneração pelos seus vultos históricos, a soldadura da unidade nacional, a identificação com as aspirações do nosso povo, a manutenção do ambiente de tranqüilidade interna, o amparo a necessitados, o socorro a flagelados, a participação no processo educacional, o zelo pelo patrimônio nacional, enfim, a prontidão em atender a qualquer chamado da pátria.

Esta a essência, este o verdadeiro dimensionamento da missão do soldado, para cumpri-la, por opção e por juramento, há que ser capaz, há que se ter coragem e desprendimento.

A força terrestre orgulha-se de sua missão e tem consciência de sua importância, diferentemente de outros exércitos, que se desdobram segundo critérios estratégicos, adotamos, historicamente, um dispositivo disperso, capilar, que nos permite atingir um objetivo mais amplo: manter o contato e aprofundar o relacionamento e a interação com o povo brasileiro, de onde o Exército surgiu e com quem continua a identificar-se.

Por sua presença em todas as regiões do país, pelo sentido nacional de sua formação e destinação, por ser integrado por brasileiros de todos os quadrantes, sem qualquer distinção de classes, raças, credos, ou condição social, a força terrestre tem desempenhado o papel de elo de ligação da gente brasileira. Por essas razões, os soldados de Caxias são peculiares entre seus congêneres, por essas razões, senhores, o Exército Brasileiro é essencial.

Muito Obrigado!